

PUC *viva viva viva viva*

Mural Semanal da APROPUC e AFAPUC - Número 30 - 7/3/94

Plano FHC, medidas estruturais...

Pior que conjunção de Saturno com Plutão

Reunidos em assembléia na última quinta-feira, os professores puderam avaliar como é negro o quadro neste início de semestre. Como se já não bastassem os contínuos pacotes que a Reitoria vem atirando sobre nossas cabeças, ainda sobrou a tal da URV que o governo federal lança, exatamente na nossa data-base. A sobreposição dessas duas calamidades é mais nefasta para nossas vidas do que conjunção de saturno com plutão. A Reitoria sabe disso, o SEMESP também e, por isso, tome mais arrocho. Embora nas medidas estruturais ficasse claro o comprometimento da Fundação São Paulo com o pagamento da quadrimestralidade, a indexação mensal e os 9% de produtividade, é voz corrente que, com a edição do plano FHC 2 tal palavra não será mantida.

A APROPUC foi convocada para uma reunião com a Reitoria no próximo dia 10. Serão tratados assuntos referentes às nossas reivindicações econômicas e aca-

dêmicas. Nesse sentido a assembléia encaminhou uma pauta de 10 pontos mínimos para que tanto nossos salários como nossa vida acadêmica sejam preservados. Os itens aprovados estão no quadro abaixo, e nova assembléia está marcada para dia 14, às 19hs para discutir as respostas da Reitoria.

Funcionários

A pré-negociação realizada

nesta semana não deu em nada. A Reitoria preferiu ir para a mesa com a AFAPUC sem uma proposta definida anteriormente.

Assim, nesta segunda-feira, às 15 horas, na Faculdade Anhembi-Morumbi rola mais uma rodada de negociação.

Na quarta-feira, os funcionários reúnem-se em nova assembléia para discussão do indicativo de greve.

Pauta de reivindicações aprovada pela assembléia dos professores

- 1) Pagamento do dissídio de 1992;
- 2) Pagamento da quadrimestralidade e dos 9% de produtividade do acordo de 94 assinado entre o SINPRO e a SEMESP;
- 3) Conversão dos salários pela URV do dia 1/3;
- 4) Esclarecimento sobre os valores pagos a título de correção monetária no último dia 2;
- 5) Que as propostas de demissão sejam feitas por escrito;
- 6) Renovação do acordo interno tendo

como parâmetro as conquistas até aqui obtidas;

- 7) Restituição dos 10% "doados" em dezembro e janeiro;
- 8) Pagamento imediato de férias e 13o. salário corrigidos pela URV da época;
- 9) Nenhuma mudança no repouso semanal remunerado;
- 10) Nenhuma demissão, nenhuma redução salarial, até que seja aprovado um plano estrutural mais amplo com a participação de toda comunidade.

Desafinando o coro dos contentes

Seria redundante começar este editorial, mais uma vez dizendo que vivemos uma crise de amplas proporções. As crises tornaram-se tão rotineiras dentro da PUC-SP que ninguém mais acredita nelas e, por isso, muitos professores preferem resolver os seus problemas no âmbito de cada departamento, degladiando-se na tentativa de administrar uma situação que não foi fabricada por eles.

Acreditando na transitoriedade da situação esses professores desprezam as efetivas possibilidades de uma luta conjunta, na qual realmente residiria a força transformadora do atual quadro.

Só para lembrar, nas últimas semanas de fevereiro alguns representantes de departamentos reuniram-se na APROPUC e esboçaram vários documentos que repensavam as medidas estruturais. Tais conclusões serviram como parte dos subsídios aos conselheiros do Consun que encaminharam as futuras discussões do pacote da Reitoria.

Sem a participação efetiva de cada um, a situação tende a cristalizar-se e a crise justificará cada vez mais novas e mais indecorosas formas de intervenção.

Se a Reitoria advoga para si a posse absoluta da verdade, só nos resta agora, como bons anjos tortos, desafiar o coro dos contentes.

Nosso salário nos tempos da URV

Mais uma vez o rolo compressor dos pacotes atinge as categorias com data-base em março. Desta vez até o ministro -sociólogo Fernando Henrique reconhece que algumas categorias tiveram perdas salariais. Só que o governo não vai interferir nestas perdas, deixando para uma hipotética negociação entre patrões e empregados a solução do problema.

No caso da PUC a situação é ainda mais grave, uma vez que, além das perdas com a URV nossos salários estão 77% mais baixos do que o dos demais professores da rede particular, porque a Reitoria ainda não cumpriu o acordo de 1993.

Abaixo estamos publicando uma tabela demonstrativa do que vai acontecer com

o salário de um professor titular com contrato de TI. Foram simuladas duas situações, uma com o salário atual e outra com os valores do dissídio de 93, colocados exatamente da forma como a Reitoria comprometeu-se a pagar. Ambas simulações desprezam os 10% de "doação" suspensos pelo efeito da liminar impetrada pela APROPUC. Percebe-se que as perdas não são pequenas, pois, aplicando-se

a quadrimestralidade e a produtividade de 9% que o plano ameaça engulir, o salário em questão cresce para 3.487 URVs.

Nos próximos números estaremos divulgando tabelas referentes a outras categorias de funcionários e professores.

QUANTO VOCÊ VAI GANHAR

	Sem a Reposição de 92		Com a Reposição de 92	
	Salário em CR\$	Salário em URV	Salário em CR\$	Salário em URV
nov/93	589.835	2.341	589.835	2.341
dez/93	748.088	2.106	860.301	2.422
jan/94	948.202	1.922	1.253.977	2.543
fev/94	1.294.106	1.911	2.290.612	3.383
Média em URV		2.070		2.672
Salário de referência Professor Titular 40 hs.				

PUC: da contingência à estrutura

Luiz Augusto de Paula Souza (Tuto)

Há duas questões nucleares desenhadas no *imbroglio* que tomou conta da PUC nos últimos tempos. Duas questões das quais decorrem uma variada gama de intrincadas situações trabalhistas, administrativas e acadêmicas.

A primeira dessas questões, que está na base da(s) maneira(s) de pensar a Universidade e seus rumos, é de como imaginamos que a PUC deveria ser, isto é, de qual modelo seria o desejável em termos de suas finalidades e meios de alcançá-las, de suas formas de financiamento e gestão, etc. Questão complexa em função da grave crise que atravessamos e de outras tantas variáveis, mesmo tendo uma tradição de gestão democrática, de um ensino e pesquisa voltados aos problemas sociais e de reivindicações de padrões de financiamento nem sempre dependentes exclusivamente, ou quase, do pagamento dos estudantes.

O fato é que nem as reitorias que vêm se sucedendo foram competentes para coordenar um processo de revitalização acadêmica e administrativa e, muito menos a Fundação São Paulo cumpriu sua função de mantenedora. Arrocho salarial, rebaixamento do nível de ensino e pesquisa, aumento de mensalidades e, ultimamente, corte de pessoal foram as alternativas mais utilizadas na busca de um "saneamento" do caixa. Esses procedimentos têm descaracterizado a Universidade

naquilo que lhe é mais caro: sua qualidade e efetividade acadêmica. E a gente se pergunta: a quem isso interessa?

Esse quadro, agravado de forma assustadora atualmente, aponta para algumas evidências:

1) A primeira é de que qualquer modelo estrutural para a PUC, que não a sua mera rendição à padrões mercantis (seja nas relações de trabalho, seja na relação com a clientela, ou em ambas), para ser implantado precisa enfrentar a situação agônica de hoje, sob o risco de descaracterização total da PUC (e aí não vai adiantar nenhum modelo, por melhor que seja).

2) A segunda liga-se à primeira, isto é, as saídas estruturais que dependem de relação com o Estado, fomento da Igreja, ou correlatos, se é que ainda são possíveis (eu pessoalmente não creio), só poderiam se dar a longo prazo e como resultado de uma sensível mobilização e luta da universidade e da sociedade. Só que é preciso evitar, agora, que a PUC se degrade ainda mais, mantendo condições mínimas de trabalho e evitando que nossos quadros migrem para universidades públicas ou simplesmente sejam cortados.

Pois bem, aqui aparece a segunda questão que indiquei no início, que é justamente como se posicionar e agir diante desta situação. Parece um bom começo reverter a lógica nefasta que vem sendo aplicada pela atual Reitoria quando, propondo cor-

tes, reduções de contrato e de pesquisa, etc., insinua uma responsabilidade de professores e funcionários pela crise. No entanto, sabemos que a crise não foi causada por funcionários ou professores, bem ao contrário, temos nossos salários arrochados, frequentemente atrasados e, é com nossa produção que a Universidade mantém a qualidade e o prestígio que lhe resta. É preciso que fique claro que, se há distorções nesse campo elas são exceção e não a regra e que ao invés de usá-las para administrar a crise a Reitoria devia combatê-las.

Um outro passo é produzir alternativas ao suposto "plano estrutural" apresentado pela Reitoria, que é no mínimo um acinte, pois não é estrutural e, tampouco ataca problemas prementes como a perda de alunos, diminuição da procura no vestibular, queda no prestígio da Universidade, etc.

Mesmo sem avançar uma proposta estrutural para a PUC, que poderia, no entanto, ser amadurecida no processo, é possível e urgente que professores, funcionários e estudantes elaborem propostas conjunturais que se confrontem com as medidas desconexas, nocivas e inconsistentes que a Reitoria apresentou como pretensa proposta estrutural.

Luiz Augusto de Paula Souza - Tuto - é professor do Curso de Fonoaudiologia

A barbárie se repete

Na manhã da última quarta-feira, enquanto a Reitoria estava ocupada no Consun, dois furiosos pais de calouros de Sorocaba eram atendidos por assessores. Eles vieram queixar-se do trote bárbaro a que seus filhos foram submetidos naquele campus. Como a Justiça deu ganho de causa aos veteranos envolvidos e que deveriam ter sido punidos com suspensão das aulas no ano passado, o trote estúpido repetiu-se novamente. O professor Ronca prometeu mandar apurar os fatos.

Embora os centros acadêmicos condenem a violência inclusive com slogans sugestivos como "Não é porque o calouro é bicho, que o veterano deve ser animal", do Direito, os trotes no campus da Monte Alegre também tiveram boa dose de vandalismo. Os calouros foram obrigados a descer rampas sentados, tiveram os cabelos cortados e foram pintados. "Tomei trote durante

dois dias, foi muito chato, "reclamou Ivan Delfini Neves. Os veteranos armados de tesouras, tintas, ovos e farinha de trigo garantem que a bagunça continua esta semana.

Enquanto alguns partem para a boçalidade, outros apelam para criatividade. Foi o que fez o veterano Lalá passando-se por um rigoroso professor, o dr. Laércio. Sério e compenetrado, ele ministrou uma aula inaugural completamente non sense para um público boquiaberto. Lalá explicou à calourada que o Direito nasceu na cidade de Portus Ferreira, às margens do Nilo. A aula foi recheada de outras bobagens e os bichos caíram direitinho. Muitos estavam aflitos à procura da apostila de 20 páginas distribuída pelo sizudo mestre. Outros assustavam-se com a bibliografia. Entre mortos e feridos dessa aula magna, salvaram-se todos, inclusive o bom humor.

O novo cruzado

O governo dizia no começo do ano que pretendia converter salários e preços em URV, calculando os seus valores pela média dos últimos meses. Em economês — a linguagem lógica, abstrata dos economistas, difícil para a maioria da população — a proposta do Governo parecia perfeita. Os salários e preços estáveis e fixados por uma unidade "forte", a URV, manteria o poder aquisitivo médio dos trabalhadores. E viveríamos felizes para sempre...

Mas a realidade não se encaixa em modelos matemáticos fabricados nos gabinetes. Na prática os salários controlados pelo Governo e empresários são fixados pela média dos últimos quatro meses, enquanto os preços ficaram estabelecidos pelo pico, o valor máximo. Pudera, eles só são controlados pelos empresários, os maiores interessados no aumento. Conclusão: estamos perdendo ainda mais nosso poder de compra.

O Governo atrelou a URV ao dólar, e isso em qualquer idioma, inclusive em português até a era FHC, significa dolarização. Na Argentina foi um desastre. O custo de vida subiu nas alturas e o déficit provocado pelo valor fictício da unidade monetária irreal, já atinge índices alarmantes.

Este é só mais um plano econômico-eleitoral, destinado a criar a impressão de melhora até novembro, para depois aprofundar a miséria, como o Plano Cruzado de Sarney e do PMDB em 86.

9/3

Quarta / 14 hs

Assembléia

dos Funcionários

10/3

Quinta / 10:30 hs

Negociação Aberta

Professores e Reitoria

ROLA NA RAMPA

Só pensa naquilo

A professora Terezinha Azeredo Rios é quem vai ficar interinamente no lugar de Ana Maria Saul na vice-reitoria acadêmica. De voz calma e discursos longos como sua antecessora, Terezinha espera contudo escapar do stress que abateu Ana Maria. Vai precisar de muito jogo de cintura, já que a Reitoria só pensa no administrativo e financeiro.

Anjos malvados

Impressionada com as últimas peripécias do capetinha Macaulay Culkin, nossa zelosa Reitoria decidiu impedir a entrada de crianças no campus. Pâmela, 4 anos, filha da secretária do Comfil Patrícia Custódio, por exemplo, foi barrada na última segunda-feira. Um bebê de meses também. As mães estão aflitas com essa história, muitas tiveram que deixar as crianças na rua para providenciar autorização de entrada.

Sem concorrência

A reforma das salas de aula no térreo do prédio novo deixou muita gente de orelha em pé. Rola que custou mais que 20 milhões de cruzeiros, preço considerado exagerado por professores da casa. Em tempo: quem cuida da obra não é nenhuma das três empresas que participaram da concorrência.

Sai dessa Zé Mário

A comunidade recebeu com tristeza, na tarde de terça-feira, a notícia do acidente do professor José Mario Ortiz do Depto. de Antropologia. Zé Mario continua internado em Campinas e seu estado ainda inspira cuidados. Mas, se depender da torcida puquiana, logo, logo ele estará de volta. Força Zé!

PAPEL DE SEDA

Papelaria e Xerox

Teses, apostilas, trabalhos.
Cartões, cadernos, fichários e agendas.

Centro Acadêmico de Educação (CAE) PUC

CPI na PUC-Jr.

Uma comissão apura irregularidades na PUC-Jr. e deverá apresentar relatório até dia 30 de março. Foram ouvidos estudantes que trabalharam sem receber e fizeram estágios não reconhecidos, além do ex-presidente Luís Alexandre Alves.

Por onde começar

Na última reunião extraordinária do Consun, na quarta-feira, dia 2, a comissão formada pela professora Odete, Harrison e Anselmo apresentou um documento propondo que seja discutido e finalmente definido naquele conselho o que a comunidade deve entender por medidas de emergência estruturais e universidade auto sustentada. "É importante para efeito funcional", explicou Odete. Faz sentido, porque muitas das medidas propostas pela Reitoria como emergenciais acabaram integrando a lista de medidas estruturais, gerando muita polêmica. A comissão indicou como necessária a discussão de prioridades em cada departamento e conselho. Assim o CEPE, por exemplo, vai estabelecer, quais as medidas estruturais mais urgentes do ponto de vista acadêmico. Há questões que precisam ser definidas e estudadas o mais rápido possível como a criação do vestibular no segundo semestre, entre outras. E assim também, cada departamento poderá apresentar até o final de março as medidas

prioritárias para o seu bom andamento. A ampliação dos cursos de Direito, Psicologia e dos cursos de Pós e do Cogeae é outro ponto a ser analisado rapidamente. "Essa é uma questão que mexe com a estrutura e modifica nossa política de ensino", definiu Odete.

A professora Ursula pediu à Reitoria um balanço dos resultados das medidas de emergência aplicadas nestes dois últimos meses. De Caroli admitiu que os ganhos foram poucos do ponto de vista financeiro, mas acredita que o balanço é positivo. "Nos permitiu passar janeiro e fevereiro, meses de 50% de faturamento normal, sem grandes traumas, pois conseguimos pagar as folhas de pagamento", disse.

A Reitoria acatou sugestão do professor Américo e vai enviar uma carta cobrando justificativa dos representantes que faltaram à sessão extraordinária. No próximo Consun, no final do mês, os departamentos, faculdades e conselhos deverão apresentar as medidas prioritárias já analisadas para serem colocadas em votação.

Espaço **OhWow** Produções Técnicas e Artísticas

Design Gráfico - EDITORAÇÃO ELETRÔNICA COM PAGE MAKER, ILUSTRAÇÃO COM COREL DRAW E AUTOCAD

Obs: Birô e consultoria

Desenho Artístico e Publicitário

Desenho Técnico Industrial

Tel: 835 8690

AGENDA

A Guarda Mirim Metropolitana. Júri simulado com participação de Salim Curiati, Luiz Eduardo Greenhalgh e padre Silvio Lancelotti da Pastoral do Menor. Apresentação da peça *Se Essa Rua Fosse Minha*. O evento faz parte da recepção aos calouros de Direito, mas é aberta a todos. Tuca. Terça 8, 18h30.

Semana Shakespeare - Apresentação em vídeo de filmes baseados na obra do dramaturgo inglês, palestras e exposição de fotografia. Videoteca. De 7 a 11 de março.

Teses - Lei Complementar - Análise Teórica e Classificatória das Leis Complementares, por Marco Antonio Azkoul. Mestrado em Direito. Terça 8, 9 h., sala 423. **O Historicismo Gramsciano e a Pesquisa em Educação**, por Carlos Eduardo Vieira. Mestrado em História e Filosofia da Educação. Quinta 10, 14h., sala 423.

Cursos no Cogeae - Cenários da Economia Brasileira: Perspectivas para 1994, quarta 9, 19h30. **Orientação Trabalhista Para Pequenas Empresas: Aplicação da Legislação e Técnicas de Relacionamento**, quarta 9, das 17h às 22h. **Shakespeare: Hamlet, Lear, Macbeth, Othello**, de 10/03 a 30/06, sempre às quintas das 19h30 às 22h30. **O Papel do Educador — Oficina de Trabalho Sociopsicodramático**, de 12/03 a 25/06, aos sábados das 9 às 12h. Informações pelos ramais 225 e 362.

PUC-VIVA é uma publicação da Associação dos Professores e da Associação dos Funcionários da PUC-SP. Edição de texto: Rose Delfino. Edição de arte e editoração eletrônica: Valdir Mengardo e Antonio Delfino. Reportagem: Luciana Dutra e Paula Papis. Colaboraram nesta edição: Francisco Cristovão, José Carlos da Silva Lago, Maria Helena G. Borges, Madalena Guasco Peixoto, Maria da Graça Gonçalves. Endereço: AFAPUC - Rua Cardoso de Almeida, 990, sala 9, tel. 263-0211, ramal 208.